

O bonequinho caipira

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Na década de 1960, como metalúrgico do ABC paulista, meu pai desfrutava de alguns benefícios concedidos pela Mercedes Benz. Considerado pela vizinhança um privilegiado, ele tinha direito a assistência médica, seguro de vida, transporte gratuito e algumas outras coisas das quais não me lembro. Mas o que mais empolgava a mim e a minha irmã eram os presentes de Natal. Todo final de ano a empresa promovia uma festa gigantesca com direito a passeio pelas dependências da fábrica, distribuição de guloseimas que incluíam sanduíches, salgados e sorvetes e, ao final da festa, cada filho de cada funcionário ganhava um brinquedo. Como macho privilegiado eu ganhava presentes que variavam ano para ano, carrinhos, bolas, quebra-cabeças, jogos cartonados etc. Por outro lado, minha irmã, invariavelmente, ganhava bonecas. Afinal, ela tinha que “treinar” para ser boa mãe e excelente dona de casa. Aparentemente isso não a afetava pois sempre saíamos das festas bem felizes. No entanto a coisa ficava mais grave pro lado dela após o período natalino, pois minha mãe fazia questão de “guardar” todas as bonecas com caixa e tudo em cima do guarda-roupa. Assim elas não se estragariam, argumentava. Em casa não havia contestação em relação às atitudes dos pais e, assim, minha irmã cresceu vendo suas bonecas encaixotadas em local inacessível. Pior é que embora não se pudesse alcançá-las as caixas ficavam lá à vista lembrando a quem quisesse olhar que estavam presentes, meio que provocando ou desafiando a um ato de desobediência que jamais aconteceu. Além disso havia o fato de minha mãe se orgulhar dessa atitude, gostava de dizer às amigas e vizinhas que as bonecas estavam novinhas em folha, como se dizia na época, praticamente sem uso. Certamente isso não deixava minha irmã feliz, com certeza ela iria preferir brincar com elas, usufruir do presente que ganhara, mas isso não acontecia. Sendo franco, vez por outra, minha mãe subia numa cadeira e descia a boneca ou boneco da escolha de minha irmã e a “deixava” brincar por algumas horas. Mas ao final da brincadeira elas sempre voltavam ao local de origem. Desde sempre, entre as conversas de minha mãe, uma das favoritas era que ela, quando criança e ainda no interior, brincava com bonecas de espiga de milho. Vira e mexe ela dizia que buscava no milharal a espiga que mais se assemelhasse a uma boneca e fazia dela seu brinquedo. Por muito tempo eu imaginei que esse fosse o motivo de minha mãe fazer tanta questão de preservar as bonecas de minha irmã. Acredito até hoje que isso tenha influenciado sua atitude, embora eu nunca tenha tido coragem de indagá-la sobre o fato. Qual seria o verdadeiro motivo pelo qual ela tanto insistia em “preservar” aquelas bonecas, que sequer lhe pertenciam? O tempo passou e todos seguimos nossas vidas, meus pais envelhecendo, eu e minha irmã seguindo em frente, ambos casamos e tivemos filhos, minha mãe e meu pai continuaram morando na mesma casa onde cresci. Em 2008 meu pai faleceu e minha mãe se recusou a mudar para um apartamento que lhe daria mais conforto e segurança apesar da enorme insistência de minha irmã. Mais algum tempo passou e eu, recém separado, voltei a morar com minha mãe que, a essa altura, já apresentava um quadro de saúde bastante frágil. Cerca de um ano e meio depois de eu ter voltado, o estado de saúde dela se agravou e, como a casa se tornara um empecilho para a

vida de uma pessoa idosa, doente e com dificuldade de locomoção, minha mãe finalmente aceitou mudar-se para um apartamento. Em função disso foi preciso revirar, literalmente, o passado daquela casa. Foi então que segredos se revelaram. Roupas de cama e de banho que jamais haviam sido usadas, aparelhos de jantar de porcelana também zerados, uma infinidade de papéis de presente e embalagens “chiques”, acantonadas pela casa, entre outros itens. Minha irmã se auto incumbiu do trabalho pesado separando o que servia daquilo que deveria ser descartado. Tentando dar minha contribuição ao processo e, confesso, com medo de que ela se desfizesse de alguma coisa que eu gostaria de guardar, fui ajudar na tarefa. Então encontrei no fundo de uma gaveta, escondida embaixo de lençóis e fronhas, uma caixinha de papelão daquelas bem antigas e, dentro dela, o bonequinho caipira da foto, um brinquedo da década de 1940, envelhecido sem ter sido usado, um brinquedo que nunca foi brincado. Ele continuava cuidadosamente acondicionado na embalagem original e devidamente escondido de tudo e de todos. A primeira coisa que lembrei foi das bonecas de minha irmã, mas como não conhecia a história daquele bonequinho e nunca soubera de sua existência, fui conversar com minha mãe levando comigo o tesouro descoberto. – *Oi mãe, olha o que eu achei na gaveta da camiseira, é seu?* Ela olhou para o brinquedo e disse que sim. Então eu perguntei sobre a origem daquele boneco e ela, tentando disfarçar a emoção, me disse que aquele era o primeiro presente que meu pai lhe havia dado



quando eles começaram a namorar. Também precisei conter as lágrimas e, embora sentisse vontade de fazer mil perguntas a respeito daquela preciosidade, me contive. Fiquei então me indagando sobre o porquê de eu e minha irmã jamais termos visto aquele brinquedo e também por que meu pai daria um brinquedo de presente à namorada? Imagino que entre as conversas de começo de namoro ela deva ter falado das tais bonecas de espiga de milho, e que isso tenha sensibilizado meu pai a ponto de ele ter a ideia de presentear-lhe com seu sonho de infância. Quem sabe não tenha sido exatamente este gesto, esta coragem de presentear a namorada adolescente com um brinquedo infantil que tenha conquistado pra sempre o coração dela? Muita coisa então esclareceu-se em minha mente. Entendi que a vida difícil de minha mãe, a criança que ela não pode ser, já que como filha mais velha foi uma espécie de segunda mãe para os irmãos, as dificuldades materiais pelas quais passou, a transformaram numa guardiã de tesouros, fez isso com as bonecas de minha irmã, com seu enxoval de casamento, com suas porcelanas e até mesmo com roupas de uso cotidiano. Minha mãe gostava de guardar, de proteger as coisas, de escondê-las da crueldade do mundo. Eu também gosto de preservar histórias, fatos e, porque não, alguns objetos que regam minhas memórias. Ambos preservamos nosso patrimônio imaterial de amor, carinho e respeito.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.